TEATRO

"Gosto das peças em que faço sucesso"

CELIA BIAR FALA SOBRE MOMENTOS DE SUA CARREIRA ARTISTICA — TRABALHARIA EM DECORAÇÃO E MODAS SE NÃO FOSSE ATRIZ — OUTRAS PREDILEÇÕES

J. J. de BARROS BELLA

Celia Biar, depois de quase um ano de ausencia dos palcos paulistanos (sem contar a sua curta aparição em "Rua São Luís"), volta por uma temporada a marcar com a sua presença os espetaculos do Teatro Brasileiro de Comedia. A principio será em "Adoravel Julia" e em seguida em "A Dama de Copas" (nova versão de "Pif Paf" de Abilio Pereira de Almeida). E é ela propria quem diz que, tendo deixado por algum tempo o teatro dirigido por Franco Zampari, voltou para lá quando se estavam completando os nove anos de seu ingresso naquela organização e exatamente da mesma maneira como principara: substituindo.

No caso de "Rua São Luís 27, 8.º", Celia Biar encontrava-se no Rio, quando, pouco depois de deixar a cia. do Teatro de Bolso, Abilio P. de Almeida chamou-a para substituir Carminha Brandão; Celia chegou a São Paulo à meia-noite de uma segunda-feira e no dia seguinte já estava em cena.

Aproximadamente uns quinze dias depois de inaugurado o T.B.C., Celia foi trabalhar lá, como secretaria; estava em cartaz "O Baile dos Ladrões" quando houve necessidade de ser substituida uma atriz e cacilda Becker convidou-a para fazer o papel. Desde então fez varias outras substituições, inclusive de Madalena Nicol, em "Ingenuidade", de Cacilda Becker em "Arsenico e Alfazema", e outras. Isso tudo até o dia em que teve, desde o inicio, o seu proprio papel: foi em "A Noite de 16 de janeiro", em que ela e Nidia Licia faziam os dois principais papéis femininos.

PAPÉIS PREFERIDOS

Celia Biar fala sobre os papéis que gosta de desempenhar: "Gosto de fazer comedia; mas acho que gosto de tanto me obrigarem a fazer comedia. Acabei por acostumar. Senti sempre muita vontade de fazer drama, mas ninguem acredita em mim como atriz dramatica só porque sou uma comica fora do palco. Gosto mais de comedia porque o publico se diverte mais, embora em geral a assistencia se impressione mais com o drama. De modo que, para se ter uma carreira completa, é preciso tambem fazer papéis dramaticos. Embora pareça incrivel, se se está fazendo um papel divertido, bem vestido, alegre, isso levanta o moral, ajuda... E isto apesar de eu não acreditar (e mesmo achar ridiculo) nessa historia do personagem tomar conta do ator.

O SUCESSO

"Gostei de fazer "Inimigos Intimos", porque eu fazia sucesso; a gente sempre gosta dos papéis em que faz sucesso". E segue-se uma enumeração das peças em que trabalhou e dos sucessos que obteve: "Treze à Mesa", de Sauvageon (o mesmo autor de "Adoravel Julia"). "Relações Internacionais", de Noel Coward, e varios outras. Em geral, gosto dos papeis que faço. Gosto mais de comedia porque é muito mais simpatico e agradavel sentir-se a reação imediata do publico, embora fazer rir seja muito mais dificil do que fazer chorar (nem que seja chorar de raiva). E depois, sou bem humorada demais para ficar duas horas me desesperando no palco. Mas tenho medo de continuar fazendo só comedia, pelo perigo de me repetir e de o publico se cansar de mim, acostumando-se a me ver sempre em papeis comicos; e assim, um dia eu faço um drama, entro em cena e o publico morre de rir, pensando que é comedia. Gostaria demais de fazer um drama. Aliás, já o quis mais do que agora. O que me atrai é um papel de intensidade dramatica, mas intima, de emoção interior. Em "A Noite de 16 de Janeiro", o papel meu era dramatico e as criticas, levando-se em conta ainda que nessa ocasião eu era uma amadora, foram excelentes."

Celia Biar em "Inimigos Intimos"

GOSTA E DETESTA

—"Detesto fazer "matinée" e três sessões; mas disso ninguem gosta, de modo que não é nada original. Adoro ensaiar e adoro estréias. Detesto "enterro" de peça; é um negocio de dar pena e uma desonestidade para com o publico, a menos que este seja avisado previamente. Gosto de fazer maquillage" e detesto tirar "maquillaje". Detesto falar de teatro quando acaba o espetaculo. Gosto dos meus colegas e se alguem não gosta de mim deve ser uma pessoa muito complicada, porque em todo o tempo que estou no T.B.C. (9 anos) nunca briguei com ninguem. Entretanto, tenho fama de antipatica, mas isso eu não sou tambem, coitadinha de mim..."

MODELOS E DECORAÇÃO

— "Se não fizesse teatro, eu desenharia modelos, teria uma casa de modas, ou então de decoração. Quando quero inventar um modelo pego a fazenda e enrolo-a no corpo, e daí sai um vestido. E não é porque eu ache que os outros costureiros não estejam à minha altura, mas é que eu adoro inventar. Roubo uma ideiazinha de Fath, outra de Dior (coitados, todos defuntinhos!) e vou fazendo. Adoro acompanhar a moda." Aliás os talentos de Celia neste setor estão sendo aproveitados no T.B.C.; seu vestido em "Adoravel Julia" foi ela propria quem emaginou; e ela tambem supervisionará o guarda-roupa de "A "Dama de Copas". Foi ainda a autora dos figurinos para uma peça montada por Delmiro Gonçalves, "A Toga Branca"

DECORAÇÃO

— "Eu tenho uma tal mania de decoração que quando entro numa casa, daí a pouco já vou decorando a casa inteirinha em pensamento. Gosto de fazer uma mistura do antigo e do moderno; só moderno eu detesto e só antigo (acho que teria medo de entrar numa casa onde tudo fosse antigo) teria de ser tudo muito fino, o que, naturalmente, torna a coisa muito cara. Donde, o ideal é o equilibrio entre os dois."

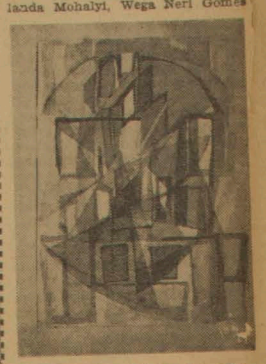
E Celia se despede dizendo da saudade que já tinha de representar em São Paulo, apesar de tambem gostar imensamente do Rio, onde todos sempre a têm prestigiado ao maximo.

IV Bienal de São Paulo

Desenhistas e escultores nacionais

José Geraldo VIEIRA

CONSTITUEM a area de desenho brasileiro na IV Bienal de Artes de São Paulo 34 trabalhos pertencentes a 13 artistas. São eles: Hercules Barsotti, Tiziana Bonazzola, Lotar Charoux, Arnaldo Pedroso d'Horta, Fernando Lemos, Aldemir Martins, Iolanda Mohalyi, Wega Neri Gomes Pinto, Karl Plattner, Francisco Amendola da Silva, José Claudio da Silva, Hilde Weber e Anatol Vladislav.



Wega Gomes Pinto, desenho. "Frase".

O premio foi conferido ex-aequo a Wega Neri Gomes Pinto e Fernando Lemos. São estes, pois, oficialmente, segundo a votação dum juri internacional, os melhores desenhistas nacionais apresentados no prelio.

Entre os artistas figurativos destacam-se Karl Plattner, Aldemir Martins, Iolanda Mohalyi, José Claudio da Silva, Hilde Weber e Tiziana Bonazzola. Uns com tendencia grafica sintetica, outros com certo expressionismo superlotado, alguns com laivos de surrealismo. Entre os abstratos contam-se os demais, sendo que predomina nesse lote o grafismo geometrico de Anatol Vladislav, Lotar Charoux e Wega Neri. São muito pessoais os trabalhos de Fernando Lemos e Arnaldo Pedroso d'Horta, e bons os nanquins de Barsotti e Amendola. Aldemir Martins teve dois terços de seus trabalhos excluidos, por julgar mais conveniente o juri a só apresentação de sua fase mais atual, de que de fato são exemplos de teor de estruturação no genero Henri Georges Adam os trabalhos **Melancia** e **Flor**.

Arnaldo Pedroso d'Horta, que tem passado por todas as modalidades duma excelente disciplina estóica, desta vez insistiu mais em trabalhos a bico de pena que nos de recorte por meio de bisturi, goiva e formão em suportes que quase constituiam gravura dutil.

A paisagem está presente na obra de Bonazzola, sem a antiga constante de realismo critico direto. Plattner obtem efeitos plasticos em seus três desenhos a bico de pena com coadjuvação de tempera e cera. Wega Neri, que abandonou o figurativismo e depois o abstracionismo, apurou um estilo de arabescos com estrutura estanque e ritmo centripeto. O desenho em guache de Lotar Charoux o situa graficamente na modalidade avançada que em pintura constitui tambem as pesquisas de Mauricio Nogueira Lima e Hermelindo Fiaminghi; isto é, uma disciplina de traços em arcabouços duma geometria que apesar de austera constrói areas liricas e repousantes às vezes, outras vezes duma vibração quase de neumas cromaticos. Nesse sentido ainda é muito pessoal o desenho de Anatol Vladislav, que parece esquemas de leis não obstante os titulos modestos de composições.

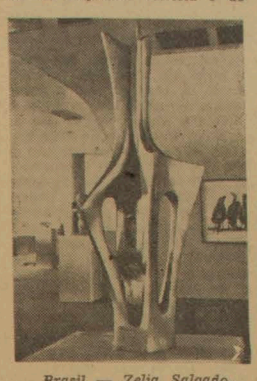
Hilde Weber atingiu uma sintese que deforma o objetivo com uma sagacidade sarcastica de alta caricatura às vezes, como é o caso do desenho a bico de pena e aquarela a que deu o nome bem à Ray Bradbury de **Science-Fiction**.

José Claudio da Silva, a revelação grafica destes dois ultimos anos, já está adquirindo um virtuosismo que por certo se completará com o estudo da gravura. Seus dois trabalhos são de teor surrealistico mas de composição bem objetiva e pormenorizada. Francisco Amendola da Silva tem um grafismo superposto que chega às vezes a efeitos de tachismo entre Vieira da Silva e Pollok.

Iolanda Mohalyi chegou ao paradoxo de fazer pintura expressionista em seus desenhos figurativos com perspectivas às vezes superlotadas ou superpostas. E' um dos grandes valores do grupo, pela tecnica e pela sensibilidade.

*

Quinze são as peças de escultura apresentadas no certame do Ibirapuera por sete escultores. Devido talvez a uma noção atrabiliaria de majestade retorica e de vezo monumental, a nossa escultura sempre foi o lado mais fraco do contingente brasileiro nas Bienais de São Paulo.



Brasil — Zelia Salgado, escultura

Só da segunda Bienal para cá foi que principiou a aparecer escultura aberta e especial, e isso mesmo, excluindo o caso de Bruno Giorgi, com muitos influxos de pioneiros ingleses e franceses pós-cubistas. Alem disso nossos escultores de menor personalidade se enfeiticam logo por um pseudo virtuosismo, passando apressadamente da escultura fechada para a aberta, da aberta para a espacial e desta para a espacio-dinamica. De maneira que não assistimos à evolução plastica dos artistas e sim à sua atenção publicitaria do que se está fazendo. Passa-se depressa de Marino Marini para Henry Moore; de Manzu para Arp; de Brancusi para Roszak; de Lynn Chadwick para Aeschbacher; de Germaine Richier para Robert Mueller; de Bodmer para Brignoni.

Essa acuidade brasileira fez que a nossa escultura desse pulos, ao invés de passar por uma evolução, e, ao invés de cada escultor ter a sua maneira sincera, o obrigou a um virtuosismo apressado.

O setor brasileiro de escultura na atual mostra é diminuto. Desses escultores, diversos, como Bruno Giorgi e Mario Cravo, tiveram suas peças reduzidas para pouquissimas unidades, não deixando entrever direito suas atuais maneiras artesanais. De fato, Mario Cravo, que abandonou (no conjunto remetido da Bahia) os trabalhos maciços em madeira, voltou veementemente ao ferro e entrou numa produção barroca, aberta, retorcida, vibratil e nervosa, com seu **Cristo Crucificado**, **São Jorge**, etc. Demonstrando uma intensidade de trabalho em **full time**, atingiu um artesanato de grande ferreiro, na melhor acepção do termo, com peças dum temperamento dinamico sempre insatisfeito. Nada disso se pode averiguar na unica peça respeitada na triagem de seus trabalhos.

José Claudio da Silva, "Apocalipse IV"

Bruno Giorgi, com sua inconfundivel capacidade, teve bronzes aceitos. **Esfinge, Guerreiros e Bucolica**. São trabalhos recentes, duma consciencia plastica equidistante da escultura aberta e espacial. Exemplo da primeira é Esfinge, com ritmos excelentes de massas e vãos. Exemplo soberbo da segunda são os **Guerreiros**, de grande beleza, em sua sintese vertical de linhas ligadas por diversos ritmos.

José Pedrosa pouco tinha em seu ateliê para remeter à Bienal, contentando-se em mandar especimes bancusianos que demonstram apenas um lado sensivel e delicado de sua capacitação muito mais ampla.

Zelia Salgado, com realizações multiplas em escultura figurativa, abstrata, fechada e exotica, apresenta uma trindade bem distinta como unidades, preponderando a realização **Agiaé**. Trabalha em pedra, marmare e metal; atingiu um dominio de materia, plasticidade e modulagem dentro de coeficientes esteticos entre Béothy e Anthoons.

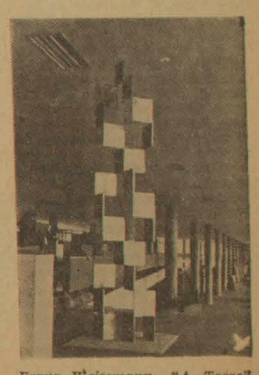
Mossia Pinto Alves tem uma peça em aluminio dentro de constantes mistiças e na linha construtiva de André Gigon. Outras peças suas dê elaboração aberta ascendente e ritmica, no genero das pesquisas de Antoine Poncet, mostravam melhor sua atual fase.

Sergio de Camargo é representado pela peça **Os Amantes**, numa elaboração de figurativismo entre Johannes Burla e Monney. Escultura maciça, fechada, com um simbolismo lirico e freudiano.

Frans Josef Weissman, tirou o grande premio nacional de escultura. Mandou trabalhos de metal, com duas constantes: o cubo e a torre. Seus cubos espaciais, delimitados por uma geometria com sugestão de planos, constituem sua forma anterior, já conhecida. Agora esse escultor se está intelectualizando, e as suas torres, de finalidade estetica arquitetonica majestosa, se prendem ainda a arranjos no tipo de Hiflehner como construção vertical equilibrada com chapas bem mais sintéticas, felizmente, do que as de Consagra.

Quando ele começou a fazer cubos pensei que fosse enveredar para pesquisas e soluções à maneira de Bodmer ou de Walter Linck. Foi uma fase pura, correta, de aparente simplicidade mas de excelente solução. Já a constante vertical espacio-dinamica das torres, menos sensivel do que as peças verticais e abertas de Ibram Lassaw, porem mais ortoestaticas do que as de Seymour Lipton, estão tendendo para o espacialismo. Esse espacialismo tende a criar não uma materia nem uma forma e sim, através duma continuidade (como as dos arabescos geometricos) um construtivismo estetico através das sensações de delimitação, alternancia e ritmo. Assim, pois, enquanto um Bruno Giorgi se empenha na obtenção de volumes, imagens, materia, movimento e antropomorfismo, dentro duma estetica consentanea com uma pesquisa de expressão e volume; enquanto os outros expositores se empenham em virtuosismos formais, Frans Josef Weissmann se empenha em obter sensações estaticas, no tipo da escultura cibernetica de Nicolas Schoeffer.

Ora, essa linha geometrizante de efeito plastico e arquitetonico é a linha duma escultura aplicada e não pura; duma escultura ancilar e não autonoma. Ao passo que a linha de expressão volumetrica da materia, de Theodor Roszak, era que se inclui Bruno Giorgi, conquanto aparentemente tradicional,



Franz Weissmann, "A Torre"

é a linha de pesquisas mais atuais da escultura. O espacialismo e o concretismo (nesta epoca de tachismo grafico-plastico e de deformação fito-zoomorfica da materia, ou ainda de mecanicismo metafisico dos suiços Haefelfinger, Gisiger e Mueller) se não está superado já não é a vanguarda extrema. A vanguarda extrema, conforme vemos nos [illegible] nesta IV Bienal de São Paulo, é a da pesquisa e solução da materia e do volume. Haja vista as figuras de Chadwick, Lassaw, Lipton, etc. Outra ponta de lança vanguardista é a escultura de bigorna, dum Luginbuehul, ou duma Oteiza (que acaba de tirar o Premio da Escultura para estrangeiros).

LITERATURA — NOVIDADES — REEDIÇÕES

2455 — Cela da Morte — Caryl Chessman	120,00
Romances que não foram escritos — R. de Menezes	150,00
Aguas de Silóe — T. Merton	160,00
Druidas Heróis e Centauros — Maurice Bell	130,00
Historias, Lendas e Folclore de nossos bichos — E. Santos	150,00
Cascalho — H. Sales	150,00
O Pecado de Sarah — F. Yerby	120,00
Homem algum é uma ilha — T. Merton	80,00
Trapeiros de emaús — Boris Simon	120,00
O misterio do amor — Fulton J. Sheen	85,00
A longa solidão — Dorothy Day	100,00
A cidade e os dias — Ledo Ivo	120,00
MULHER IMPERIAL — Pearl S. Buck	150,00
Refugio Tranquilo — Pearl S. Buck	120,00
A Aldeia Ancestral — Pearl S. Buck	140,00
Maria — Sholem Asch	120,00
Sob a luz das estrelas — A. J. Cronin	120,00
Mais forte que o amor — A. J. Cronin	120,00
Algemas partidas — A. J. Cronin	100,00
Noites de Vigilia — A. J. Cronin	80,00
Os Gestos — Osmar Lins	100,00
Nove historia em grupo de três — Waldomiro A. Dourado	120,00
Poesia e prosa do cotidiano — André Carrazzoni	100,00
Arranha-Céu — Eloy Pontes	200,00
Os inquietos — Octavio Issa	120,00
Historia do Jazz — Barry Ulanove	150,00
Sermões — Seleção com ensaio critico — Pe. Antonio Vieira	200,00
Marajás, Beduinos e Faraós — C. Prudente	120,00
Vale aprazivel — L. Bronfield	95,00
Entre o sonho e a realidade — H. Sping	150,00
O Galo Branco — paginas de memoria — A. F. Schmidt	150,00
A vida de Galileu — Isolt Hersanyi	150,00
Crime e castigo (2 volumes) — Dostoievski	220,00
Os Demonios — 3 volumes — Dostoievski	320,00
Os irmãos Karamazovi — 3 volumes — Dostoievski	400,00
Recordação da casa dos mortos — Dostoievski	100,00
MARCORÉ — 2.a edição — Antonio Olavo Pereira	100,00
O Lirio vermelho — Anatole France	130,00
Ana Karenina — Tolstoi	130,00
Fausto — W. Goethe	75,00
Terras onde se fala o português — Maria Archer	150,00
Aspectos do Congresso Brasileiro — N. Macedo	100,00
A vela e o temporal	120,00
O martir de Gólgota — P. Escrich	120,00
Mexico — E. Verissimo	150,00
Poemas da angustia alheia — Gondim da Fonseca	100,00
Os miseraveis — V. Hugo (2 vols.)	220,00
Cirano de Bergerac — E. Rostand	100,00

COLEÇÃO — OBRAS PRIMAS

Obras primas do conto brasileiro	100,00
Obras primas do conto universal	100,00
Obras primas do conto moderno	100,00
Obras primas do conto humoristico	100,00
Obras primas do conto policial	100,00
Obras primas do conto fantastico	100,00
Obras primas da poesia universal	150,00
Obras primas da lirica brasileira	150,00
Obras primas do folclore brasileiro — Camara Cascudo	150,00

OBRAS DE HUBERTO ROHDEN

A metafisica do cristianismo	80,00
Agostinho	120,00
Alegorias	50,00
Cosmorama	70,00
De alma para alma	80,00
Deus	70,00
Em comunhão com Deus	70,00
Filosofia universal (2 vols.)	150,00
Isis	60,00
Panorama do cristianismo	90,00
Paulo de Tarso	150,00
Por mundos ignoticos	70,00

OBRAS DE MARIO FERREIRA DOS SANTOS

Curso de oratoria e retorica	180,00
Praticas de oratoria	180,00
Sociologia fundamental e etica fundamental	180,00
Curso de integração pessoal	180,00
Filosofia e cosmovisão	180,00
Ontologia e cosmologia	180,00
Filosofia da crise	180,00

CIENCIA E DIVULGAÇÃO

O sol e os planetas — R. Argentieri	80,00
A Atmosfera — R. Argentieri	100,00
Atomos para a guerra — R. Argentieri	80,00
Atomos para a paz — R. Argentieri	80,00
A Terra — R. Argentieri	80,00
Atomos e materia — R. Argentieri	100,00
Nos dominios da ciencia — W. Kaempffert	60,00
Nós e a vida — romance da biologia — Karl von Frisch	130,00
Nós e a natureza — romance da fisica — Karlson	120,00
Armonias da natureza — J. Minhan	350,00
Misterio da biologia — J. Minhan	350,00
Biografia da terra — G. Gamow	80,00
Ciencias fisicas y naturales — L. Postigo	198,00
As ciencias no Brasil — 2 vols. — Organiz. por F. Azevedo	430,00

FILOSOFIA — PSICOLOGIA — PSICANALISES

Pequeno manual da filosofia — M. Vilhena	218,00
Historia da Filosofia — Padovani	200,00
Delineamentos da filosofia — Betrand Russel	100,00
Historia da filosofia ocidental — B. Russel	300,00
Assim falava Zaratustra — Nietzsche	120,00
Curso de filosofia — Jolivet	150,00
Historia de la filosofia — 3 vols. — Brehier	2.520,00
Introducion a la fisolofia	216,00
Psicologia do carater — Alleres	90,00
A ciencia da natureza humana — Adler	120,00
A ciencia de viver — Adler	80,00

PAREÇA MAIS JOVEM — VIVA MAIS TEMPO

Hauser	100,00
Vicios da imaginação — G. Pereira da Silva	70,00
Quatro gigantes da alma — M. Lopes	100,00
Introducion a la psicologia — G. Zunini	310,00
La psicologia objetiva — Bechterev	240,00
Terapeutica Psicoanalitica — Alexander	528,00
Analises del caracter — Reich	700,00
Palestrando com os nervosos — V. C. Pacheco	50,00
Não seja apreensivo — J. Lobel	60,00

DICIONARIOS

O mais variado estoque possivel. Nacionais e estrangeiros.

BELEZA E PERSONALIDADE — Por Veronica Dengel. O livro azul da mulher. Um perfeito guia para tratamento da pele, dos olhos, das mãos, dos pés e do corpo, contendo, ainda, uma relação completa de todas as dietas para o reequilibrio da saude. Capitulos detalhados sobre a maneira correta de vestir, andar, falar e educação social. Um livro, enfim, para todas as mulheres que desejam adquirir uma "Personalidade Marcante". Preço Cr$ 500,00

A VIDA DO BEBÊ — Em 14.ª edição, editada pelo Dr. Rinaldo de Lamare. Preço Cr$ 300,00

PALACIO DO LIVRO

PRAÇA DA REPUBLICA, 294 — FONE: 34-7217 — SÃO PAULO — ABERTO ATÉ ÀS 24 HORAS

Ao Palacio do Livro

Solicito remeter-me pelo Reembolso Postal os livros:

.....

.....

NOME .....

RUA ..... N.º ..... C. POSTAL .....

CIDADE ..... ESTADO .....

CINEMA

AS ASPIRAÇÕES DA LOIRA MILANESA

O GESTO daquela jovem loira italiana, que, à chegada da atriz Jayne Mansfield em Milão, abriu em publico, seu vistoso casaco de peles para exibir agressivas qualidades anatomicas a dezenas de jornalistas e fotografos, é o que se pode considerar como uma louca manifestação das aspirações humanas ao mito e ao "divismo". O cinema de hoje e o cinema de ontem criam e sempre criaram condições para esse tipo de manifestações. Mais o de hoje, talvez, porque nunca como agora a febre do estrelismo se apoiou tanto nas formulas eroticas, como solução para os problemas que o cinema tem que enfrentar. A loira milanesa teve uma conduta de certa forma explicavel, dentro do quadro atual da cinematografia.

Como se sabe, Jayne Mansfield, um exemplar feminino lançado furiosamente pela eficiente maquina publicitaria dos produtores de Hollywood, fez um giro pela Europa a fim de acompanhar o lançamento de um de seus filmes, visitando varias cidades, a partir de Londres. Em Milão, durante uma entrevista coletiva que concedeu, uma obscura atriz do cinema italiano, quando maior era a atenção que fotografos e reporteres concentravam, menos às palavras do que às formas da artista americana, pôs em pratica o plano que vinha articulando secretamente. Abriu seu casaco de peles e exibiu, num autentico "streap tease", sua triunfante anatomia, coberta sumariamente por uma suave peça feminina, gritando ao mesmo tempo em desafio: "Que é que ela tem mais do que eu?"

Lançado o desafio, batidos os sensacionais flagrantes pelo exercito de fotografos, os jornalistas não perderam a serenidade nem o senso profissional do equilibrio: quiseram imediatamente conhecer a reação que teria a atriz americana desafiada. E Jayne Mansfield, ligeiramente perturbada pelo inusitado espetaculo que por alguns momentos a retirou do centro das atenções, replicou: "Não me bato com semelhante adversaria. Se eu tivesse sido provocada por Gina Lollobrigida ou Sofia Loren, então sim, teria com que me preocupar. Mas com essa atrizinha, não."

Jayne Mansfield tambem foi obscura e coadjuvante

É INTERESSANTE observar que tanto uma como outra, no caso, demonstram ser efeitos de uma mesma causa. O processo mental que levou a "atrizinha" italiana a quase se despir, exibindo-se com a reduzida combinação preta, é compreensivel, quando se considera que a mais alta porcentagem dos chamados valores cinematograficos de qualquer pais da Europa ou da America repousa hoje fundamentalmente nas qualidades fisicas das atrizes, que em geral iniciou a carreira em concursos de beleza, nos quais já começa a exibição anatomica, para terminarem em grandes cartazes de parede, metidas em sueteres que valorizam mais do que razoavelmente o "sex appeal" padronizado do cinema. Se é isso que se quer no cinema — deve ter pensado a arrojada milanesa — não há nenhuma razão para que ela não possa ser, tambem, uma grande diva e uma estrela triunfante.

A REAÇÃO de Jayne Mansfield é consequencia do mesmo processo mental. Ela sabe, melhor do que ninguem, que muitas das estrelas de hoje foram "atrizinhas" obscuras. Ela mesmo, há bem poucos anos, lutava por papéis coadjuvantes e para despertar a atenção de algum agente para a agressividade de seu busto. Marilyn Monroe, o padrão do genero, foi atriz secundaria durante muito tempo, pouco depois de haver posado nua para um fabricante de calendarios. Ela mesmo percorre a Europa fazendo-se fotografar, onde quer que desembarque, de forma a dar o primeiro plano a seus atributos substanciais, que entretanto pesam muito pouco na balança da arte. Mas ela, com Sofia e com Gina, já atingiu o plano do mito que o cinema impõe. A loira milanesa, ainda não.

As simpatias, entretanto, ficam com ela. E' heroina de uma batalha solitaria que deveria ganhar e provavelmente ganhará, já que está a meio caminho da vitoria. O cinema saberá premiar mais essa autocandidata do "sex appeal". — C.T.